

**A EXPERIÊNCIA COM O ADOECIMENTO NA DOCÊNCIA: UM ESTUDO COM
PROFESSORAS DO MUNICÍPIO DE SÃO MIGUEL DAS MATAS, BAHIA,
BRASIL**

LUZINETE OLIVEIRA SALES

nethybio@yahoo.com.br | Universidade Federal da Bahia, Brasil

MARIA DO CARMO SOARES DE FREITAS

carmofreitas@uol.com.br | Universidade Federal da Bahia, Brasil

RESUMO

O professor do Ensino Fundamental e Médio nem sempre consegue superar os desafios no cotidiano do trabalho, com isso sofre maior esforço físico e psíquico, o que pode acarretar em diversos problemas de saúde. O presente estudo objetiva compreender os significados aludidos por professoras ao processo de adoecimento relacionado ao exercício da docência na rede pública de Ensino Fundamental e Médio no município de São Miguel das Matas, Bahia, Brasil. Trata-se de uma abordagem qualitativa com entrevistas narrativas cuja análise utiliza a teoria da hermenêutica descrita por Paul Ricouer. São destacadas quatro categorias temáticas: Dor crônica, voz do docente, queixas psíquicas e interferências dos problemas de saúde na vida pessoal e social. A intersubjetividade relacionada ao adoecimento confirma sofrimento e prejuízos na vida pessoal destas profissionais. Sentem-se sem recuperação e narram sobre a necessidade de superação diária destes obstáculos para continuar na docência, mesmo adoecidas.

PALAVRAS-CHAVE

trabalho docente; problemas de saúde; intersubjetividade; adoecimento.



SISYPHUS

JOURNAL OF EDUCATION

VOLUME 6, ISSUE 02,

2018, PP.65-81

**THE EXPERIENCE WITH SICKNESS IN TEACHING: A STUDY WITH
TEACHERS FROM THE MUNICIPALITY OF SÃO MIGUEL DAS MATAS,
BAHIA, BRAZIL**

LUZINETE OLIVEIRA SALES

nethybio@yahoo.com.br | Universidade Federal da Bahia, Brazil

MARIA DO CARMO SOARES DE FREITAS

carmofreitas@uol.com.br | Universidade Federal da Bahia, Brazil

ABSTRACT

The teacher of Elementary and Middle School can not always overcome the challenges in the daily life of the work, with this it undergoes greater physical and psychic effort, which can cause in diverse health problems. The present study aims to understand the meanings alluded by teachers to the process of illness related to the exercise of teaching in the public school of Elementary and Middle School in the city of São Miguel das Matas, Bahia, Brazil. This is a qualitative approach with narrative interviews whose analysis uses the theory of hermeneutics described by Paul Ricoeur. Four thematic categories are highlighted: Chronic pain, teacher's voice, psychic complaints and interferences of health problems in personal and social life. The intersubjectivity related to illness confirms suffering and losses in the personal life of these professionals. They feel without recovery and tell about the need to overcome these obstacles daily to continue teaching, even sick.

KEY WORDS

teaching work; health problems; intersubjectivity; illness.



SISYPHUS

JOURNAL OF EDUCATION

VOLUME 6, ISSUE 02,

2018, PP.65-81

A Experiência com o Adoecimento na Docência: um Estudo com Professoras do Município de São Miguel das Matas, Bahia, Brasil

Luzinete Oliveira Sales, Maria do Carmo Soares de Freitas

INTRODUÇÃO

O trabalho docente é reconhecido pela responsabilidade dos professores frente ao sistema educacional. Muitas competências são exigidas aos professores, seja por parte da escola, da família dos alunos e da comunidade em geral. Neste sentido, o docente se vê com grande demanda perante diversas atribuições a serem correspondidas no âmbito escolar. A criação de estratégias para proteção à saúde e prevenção de agravos fica ausente em suas vidas (Assunção & Oliveira, 2009).

Esta situação é caracterizada pela intensificação do trabalho docente (Freitas, 2013) o qual nem sempre é reconhecido por gestores. Salários defasados, condições de ensino inadequadas e deficiência de preparação para a formação têm ocasionado mudanças significativas na vida diária do docente (Gil, 2001) e na sua saúde (Freitas, 2013).

A desvalorização social do professor somada aos esforços físicos e psíquicos podem desencadear sérios problemas de saúde nesta categoria profissional. O adoecimento relacionado à profissão da docência é atribuído às lesões em alguns membros do corpo, ocasionado pelo esforço repetitivo, devido à alta demanda de atividades e uma mesma postura física por longo período; desgaste das cordas vocais e queixas psíquicas. Contudo, apesar dos problemas de saúde pelos quais o professor é acometido, ele geralmente resiste a se afastar para tratar a saúde durante o período das aulas. Continua, assim, o corpo com os sintomas como se estivesse alienado à escola durante este período (Freitas, 2013).

As sensações de sofrimento podem apresentar significados quando organizadas em uma integralidade de sentidos reconhecidos como reais para as pessoas no mundo do senso comum. Assim, a vivência da enfermidade se dá a partir do momento em que é atribuído significados a uma experiência sensível. Esta não é um fato, mas interpretação de diversas informações oriundas do corpo humano, criada por significados diante de uma concepção resultante de processos de socialização (Alves, 1994). Das experiências de enfermidades, pode-se chegar ao significado de incapacidade. O corpo pode sinalizar angústia causada pelo processo de adoecimento (Neves & Nunes, 2009).

As percepções iniciais sobre a incapacidade apresentam significados e estabelecem relação entre o indivíduo e o meio social. Pode ocorrer utilização de metáforas na linguagem com representações que dão sentido ao sofrimento e à descrença quanto à possibilidade de recuperação. As metáforas relacionadas às enfermidades, não são afirmações fixas ao longo do tempo, mas efeitos dos sentidos ao nível da compreensão do adoecimento (Neves & Nunes, 2009).



Como demonstramos neste estudo, não há apenas um significado para o fenômeno do adoecimento, pois este é também uma produção do contexto social (Alves, 2015). Justificamos o interesse pela temática do adoecimento de professores do Ensino Fundamental e Médio dado a ocorrência frequente de queixas e alta prevalência de enfermidades associados ao trabalho (Araújo et al., 2008; Reis, Carvalho, Araújo, Porto & Silvany Neto, 2005; Reis, Araújo, Carvalho, Barbalho & Silva, 2006).

Este estudo foi desenvolvido com professores da rede pública do Ensino Fundamental e Médio em um município onde trabalhei também como docente e pude conhecer professores que têm sofrido com o processo de adoecimento. Houve o interesse em tentar entender como se convive com problemas de saúde decorrentes da atividade laboral e compreender os significados que se atribuem a estes processos.

A abordagem de caráter qualitativo aproxima-se de uma perspectiva epistemológica hermenêutica. Para Minayo (2014), este tipo de estudo apresenta aspectos da cultura como: valores, crenças, percepções, representações e significados resultantes das interpretações das pessoas em suas realidades.

As informações do órgão gestor municipal sobre o adoecimento de professores foram registros significativos para o início da pesquisa. A pesquisadora entrou em contato com as docentes indicadas e, diante da aceitação em colaborar, algumas informaram sobre colegas que também têm sofrido problemas de saúde relacionados ao contexto educacional. As entrevistas formaram uma pluralidade de vozes destas professoras (Minayo, 2014).

Esta produção de informações sobre corpo e adoecimento no trabalho foi realizada em domicílios das professoras referidas, por ser este um local mais indicado por elas para melhor construção de suas narrativas. Participaram da pesquisa as que têm sofrido problemas de saúde decorrentes do trabalho e aceitaram assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, para qual o projeto foi submetido e aprovado sob o Parecer Consubstanciado nº 2.136.696.

As entrevistas abertas e em profundidade ocorreram no período de junho a setembro do ano de 2017 sendo realizadas com cuidado respeitando os silêncios e as individualidades. Foram gravadas e transcritas para análise. As identidades estão preservadas e os nomes que aparecem são fictícios. As entrevistas foram concluídas quando apareceram similitudes nos discursos a se configurar como uma intersubjetividade do processo de adoecimento (Minayo, 2000). Em seguida, foram realizadas intensas leituras dos transcritos para favorecer a organização de categorias a partir das temáticas que surgiram nas narrativas.

A análise foi realizada com base na perspectiva hermenêutica, apresentada por Ricoeur (1976), autor que discorre sobre a compreensão do texto e do contexto das vivências cotidianas do ser humano em uma interpretação próxima à realidade social. A perspectiva hermenêutica contribui para a compreensão e interpretação dos significados produzidos pelos atores sociais com seus discursos resultantes da experiência subjetiva e intersubjetiva no ambiente em que vivem.

A teoria proposta por Ricoeur na interpretação do mundo do texto favorece o entendimento sobre o que as professoras experienciavam com o adoecimento. Deste modo, a experiência vivenciada permanece reservada e, assim, ocorre a dialética de evento e significação. O evento, além de ser a experiência exposta e relatada é, também, a troca intersubjetiva diante do diálogo. O indivíduo explica seu problema

de saúde e compreende-o enquanto uma continuidade, ou permanência no trabalho (Ricoeur, 1976).

Diante de um esforço para analisar de maneira compreensiva a experiência do adoecimento das professoras e à luz dos significados por elas atribuídos, foram organizadas as seguintes categorias: Dor crônica, voz das professoras, queixas psíquicas e interferências dos problemas de saúde na vida pessoal e social das docentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As professoras iniciaram a narrativa falando sobre a profissão, as condições de trabalho e em seguida o processo de adoecimento causado pelo exercício da docência. O adoecimento foi relatado desde a sua provável origem com aspectos voltados para a atividade laboral e os motivos pelos quais surgiram os primeiros sintomas e a manifestação destes em determinadas regiões do corpo.

DOR CRÔNICA: A DOR NO DOCENTE QUE CARREGA O “PESO” DA PROFISSÃO NO CORPO

Comecei a sentir algumas dores no ombro. [...] Ela perpassava também por outros membros, no braço ou no dedo, no polegar, que é a parte que você coloca esforço quando você está fazendo as correções ou escrevendo no quadro. [...] A dor já estava me limitando levantar o braço acima da cabeça. [...] Dormir por cima do ombro já estava me incomodando (Mariana, 35 anos).

Esta iniciou seu trabalho como professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental no ano de 2009 e passou a atuar no Ensino Médio com a disciplina de redação a partir de 2015, período no qual foi atingida por um problema de saúde decorrente dessa atividade e que ainda permanece. Ela trabalhava com muita produção de textos dos alunos e, com isso, havia necessidade de realizar correções manuais por longos períodos.

Após seis meses, aproximadamente, a dor foi intensificada e surgiu a necessidade de procurar um profissional de saúde especialista para avaliar o problema. No entanto, o que causava dor intensa não foi identificado. Para aliviar a dor, por recomendação médica, ela passou por sessões de fisioterapia e uso de medicamentos, mas apenas como meios paliativos.

Após dois anos, Mariana tem sentido dores com frequência e continua com tratamentos paliativos para amenizar os sintomas e continuar exercendo suas atividades. A dor incomoda e traz desconforto de modo permanente, sinaliza que algo não está bem no corpo e requer limites dos movimentos. Assim como ela, outras professoras narraram sobre o surgimento de problemas de saúde relacionados ao trabalho docente.



Eu tive um problema no braço, na mão. Então, forcei muito o braço direito por escrever no quadro. Comecei a sentir problemas, dores no ombro. Essa dor passou para a mão, chegou ao ponto de travar a minha mão, de ficar com a mão entevada sem conseguir nem pegar na caneta. Fiz uma série de tratamentos, exames e fisioterapia. Ainda não fiquei 100%. (Marta, 52 anos)

Eu comecei com dores no braço, no ombro. E aí, essa coisa incomodativa no ombro, porque assim..., eu tenho punho e dedo machucados. [...] Só que essa dor do ombro começou a incomodar. Mas, o braço direito já é sacrificado (silêncio). E eu tive outros colegas que praticamente tiveram o mesmo problema. (Paula, 47 anos)

O termo “*coisa incomodativa*” expresso nesta narrativa é atribuído às dores do braço e ombro. É interpretada como um elemento presente no corpo e que desgasta, atrapalha e limita seu empenho no trabalho. Não há tranquilidade no dia a dia da professora. É sofrido. Pode significar o adoecimento sentido em seu corpo e que tanto incomoda. Outras partes do corpo foram comprometidas pela dor, como punho e dedos e, logo após iniciou-se a dor no ombro. Paula, assim como outras professoras, foi ao médico para tentar descobrir a causa da dor e foi constatado um desgaste relacionado à profissão de docente. A “*coisa*” que incomoda o corpo é representação do trabalho que dói. Também, a professora Mariana expressa termos atribuídos ao adoecimento. [...] *Você vai ter que aprender a conviver com isso; você tem algo que vai estar sempre ali (Mariana)*. Os significantes “*coisa*”, “*isso*” e “*algo*”, são construídos na interação das vozes das professoras como representações que se tornam parte de suas vidas diárias. A intersubjetividade favorece a compreensão do mundo social destas profissionais (Minayo, 2014).

Com metáforas vivas manifestam os problemas de saúde decorrentes do exercício da docência, com os quais precisam conviver mesmo com intensidade da dor, principalmente nos braços, ombros e mãos. “As experiências trazem metáforas que ressurgem como verdades significantes e são identificadas como sentidos apresentados na cena particularizada do autor para significar sua realidade” (Freitas, 2003, p. 52).

Através de expressões metafóricas as participantes exprimem seus sofrimentos perante a convivência com o adoecimento e o trabalho. Para Ricoeur, a “*experiência simbólica exige um trabalho do sentido, a partir da metáfora, um trabalho que ela fornece mediante a sua rede organizacional e os seus níveis hierárquicos*” (Ricoeur, 1976, p. 77).

As metáforas expressam sentidos que contribuem para a ampliação de significados e outras interpretações no interior do contexto. Nesse aspecto, observa-se a “*coisa incomodativa*” e o “*braço sacrificado*” como efeitos de sentidos da dor, atribuído assim, mais que um valor emotivo, pois apresentam novas informações sobre a realidade vivenciada (Ricoeur, 1976). Sacrificado o braço da mão que escreve tem como representação o trabalho de ser professora. Trata-se de um símbolo que envolve a condição da docência. Aqui, adoecimento e trabalho se confundem, associam-se como termos do cotidiano laboral.

O termo “*braço sacrificado*” representa um membro que foi colocado em risco durante o exercício da docência e, desta forma, prejudicado e limitado às diversas atividades, pois o simples ato de elevar o braço acima da altura do ombro, estender

roupa, fazer algum tipo de exercício físico etc, incomoda muito. Também, remete-se a uma renúncia de atividades cuja paralisação pode significar uma incapacidade psicofísica.

Também, a expressão “*mão entrevada*” sinaliza o esforço excessivo da mão que escreve, e a dor impede o movimento das articulações deixando-a paralisada momentaneamente. Todo o membro direito foi afetado, tendo iniciado com uma dor no ombro e que agravou os movimentos do braço e da mão. A limitação do desenvolvimento das tarefas na escola, como levantar o braço para escrever na lousa, assim como outras atividades rotineiras, gera incômodo nas professoras. Em consequência da profissão que exerce, sente a necessidade de movimentar-se e, muitas vezes, ultrapassam determinados limites, o que pode intensificar a dor. A experiência da dor é real e subjetiva; abrange sentidos e interpretações pessoais. Real porque a sente fisicamente, subjetiva porque se percebe sem condições de trabalhar ou trabalha com sofrimento porque não pode parar.

Sobre o conceito de dor, o estatuto da Associação Internacional para Estudos da Dor (IASP) atribui a “uma experiência sensorial e emocional desagradável associada a um dano real ou potencial dos tecidos, ou descrita em termos de tais lesões” (IASP, 1994, p. 210). Como apresenta a professora em sua narrativa “[...] *Não tem uma cura específica, tudo que pode ser feito são paliativos* (Mariana, professora). O alívio da dor favorece a continuidade das tarefas laborais e é adiado um tratamento mais eficaz para as necessidades de saúde. Acontece uma espécie de silêncio da queixa à medida que o corpo suporta atender as necessidades do trabalho (Silva, Cunha, Costa & Maruyama, 2013). E segue com analgesia. Outra vez, observa-se o sofrimento do trabalho docente. Assim, com o passar do tempo, a dor pode tornar-se crônica, o que é transformado em um problema maior. Dor crônica é preconizada pela IASP como aquela que ocorre com duração de seis meses ou mais com uma condição contínua.

Cada docente suporta de maneira individual e, diferentemente, a dor crônica. Experimenta meios paliativos, para amenizar o sofrimento. A tolerância à dor depende da capacidade de cada um e das circunstâncias em que vivem. É uma sensação desagradável no corpo e emocionalmente experienciada. Ferreira (1994) enfatiza que diversos elementos possuem influência sobre a dor, como a experiência cultural e individual do doente, suas sensações de dor física, representações sociais e significados sobre o corpo e doença. O indivíduo busca relatar uma dor no seu corpo por meio de expressões as quais favorecem uma compreensão de quem o escuta, pois experiencia uma sensação individual e a transmite de maneira que seja socialmente reconhecida.

A vivência com dor aguda e crônica ocasiona mudanças psíquicas e biológicas, atinge a capacidade para o trabalho e as atividades diárias. A manifestação deste fenômeno de dor abrange diversas dimensões como as sensoriais, socioculturais e afetivas (Pimenta & Portnoi, 1999). As professoras entrevistadas neste estudo vivenciam a dor crônica decorrente do trabalho como uma limitação em suas vidas e carregam consigo a tristeza de continuar trabalhando com dor. *Sempre o pulso reclama. O dedo, já é mais grosso. Vez por outra machuca mais. Independente de eu continuar nessa profissão, de mudar, de aposentar é pra vida toda* (Paula, 47 anos). Algo que não será curado e exige o desenvolvimento de habilidades para conviver com o problema e continuar no exercício.

Atividades com esforço repetitivo foram reconhecidas por Porto, Reis, Andrade, Nascimento & Carvalho (2004) como risco do trabalho docente, com inclusão da bursite e tendinite como alguns distúrbios musculares, nos estudos de prontuários referentes ao atendimento de docentes pelo Centro de Estudos em Saúde do Trabalhador – CESAT.



Mango et al. (2012) em pesquisa com professores, apresentaram relação dos sintomas osteomusculares, entre eles, as dores nos ombros, com o excesso de esforço repetitivo. As dores nos braços e ombros do docente podem ser resultantes da sobrecarga nestes membros superiores com movimentos repetitivos nas escritas e correções de atividades. A escrita no quadro requer a suspensão dos braços por longo período, o que pode acometer a articulação do ombro, como a bursite (Dallepiane & Bigolin, 2004). O Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde preconiza que a bursite e a tendinite são doenças do sistema musculoesquelético as quais causam dor com certa frequência, resultante de processo inflamatório, o que pode ocasionar limitação ou incapacidade para as atividades cotidianas. Os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho, em certos grupos ocupacionais, nos quais são exigidos esforços repetitivos e determinadas posturas corporais inadequadas, podem ser classificados como doenças relacionadas ao trabalho (BRASIL, 2001).

As professoras entendem que o trabalho exige esforço físico diante das atividades desenvolvidas e não conseguem alternativa que favoreça o desempenho das suas atividades laborais sem esta exigência. Percebem o adoecimento como parte do seu mundo cotidiano. O mundo da vida cotidiana destas professoras é intersubjetivo, experimentado e interpretado com suas experiências as quais são compartilhadas. Este mundo é “o cenário e também o objeto das ações e interações” (Schutz, 2012, p. 82).

A VOZ DAS PROFESSORAS

É uma dor cansada nas cordas vocais. [...] Sinto minha voz mais fraca. [...] E, às vezes, falava tanto pela manhã e ainda tinha que falar à tarde. Quando chegava a noite, não aguentava. Não conseguia dormir de dor. Às vezes, eu sem falar **sentia incômodo**. Dava **um nervoso, um desespero** assim, de sentir aquele **mal-estar**. (Marta, 52 anos)

O problema relacionado à voz da professora Marta pode ser resultante do esforço na fisiologia da voz com muitas horas diárias de aulas, o que causava cansaço ao falar. Ela exercia quarenta horas semanais de aulas. Entretanto, mesmo nos momentos em que não utilizava a voz, sentia desconforto, o que pode estar subentendido como sinal de fraqueza daquela estrutura.

Os significantes utilizados por Marta apresentam evidências sobre o problema causado por seu trabalho. Assim, ela e outras professoras, nas narrativas de adoecimento expressam o incômodo decorrente da dor, do cansaço e do desgaste que as deixam impacientes, com desesperanças, descrenças e indisposições para o trabalho. Também o “nervoso” e o “desespero” relatados por Marta são sentidos por outras.

Para os docentes, a voz é um dos recursos fundamentais de trabalho para um bom desempenho da docência (Araújo et al., 2008), o que torna esta prática um risco vocal com as exigências excessivas atribuídas à voz (Gonçalves & Oliveira, 2016). A persistência dos sintomas álgicos leva o indivíduo ao desgaste emocional e interfere negativamente nas responsabilidades diárias, principalmente aquelas com tempo determinado (Palmeira et al., 2015). A agonia e o nervoso podem expressar diversos significados,



desde comportamentos exteriores como não conseguir dormir, nem falar, e um misto de sensações de raiva, angústia e tristeza (Rabelo, Alves & Souza, 1999). A diversidade de significados é assumida pelo indivíduo de acordo com as particularidades das experiências no mundo social o qual é vivenciado como “uma rede de relações sociais, de sistemas de signos e símbolos” (Schutz, 2012, p. 92).

“Os sentimentos de desintegração social e o medo de ficar doente e lhe faltar o reconhecimento que sempre lhe veio por meio do trabalho, marcam em primeiro lugar, o corpo e o espírito” (Minayo, 2014, p. 254). No presente estudo, observa-se que a percepção do corpo doente, unida à possível incapacidade devido às alterações do organismo, deixam as professoras apreensivas.

O “desespero” que se referem pode estar relacionado ao fato de sentir, aos poucos, a perda da voz, por algum momento. Com isso, há preocupação em não poder exercer suas atividades no dia seguinte em sala de aula e na vida pessoal. Também, ela se sente fragilizada diante da situação incomodativa para a qual não encontrava solução, apenas meios paliativos. A angústia está voltada para a doença, esta que pode desenvolver algum dano ao corpo, o qual é tido como força produtora de trabalho (Dejours, 1992). Na intersubjetividade há queixas diversas sobre o processo de adoecimento da voz, como “desgaste”, “cansaço”, “incômodo”, “mal-estar”, “rouquidão” “tosse seca” e “dores”. A intersubjetividade é vivenciada em situação de ‘familiaridade’ sob a forma do ‘nós’ ou com a terceira pessoa, o que permite compreender o outro como único em sua individualidade (Minayo, 2014, p. 148). “Você pode ficar com isso para sempre”, quer dizer a dor de ser e sentir-se professor.

Da voz não saía uma palavra. [...] Dores assim... (passa a mão no pescoço), cansaço. [...] De vez em quando fico rouca. Pego atestado. Ontem mesmo eu fui (ao médico), passou remédio e me deu dois dias de atestado. É triste! (Simone, 51 anos)

O problema que está agravando é a voz. [...] Já aconteceu como se tivesse engasgado mesmo e, começa aquela tosse seca que eu tenho que pedir socorro. Olho para alguém, aí já sabe, tem que correr e me dá água. [...] **É um agravante.** (Flávia, 48 anos)

O problema na voz das professoras é desfavorável e prejudicial, principalmente no que diz respeito ao desempenho de atividades na sala de aula. Isto fica evidente na narrativa da professora Flávia ao relatar que é “um agravante”, o que compromete até mesmo a falta da voz em momentos de aula nos quais tem a necessidade de usá-la. Passa a ser nocivo à vida da professora, o que desencadeia o medo por estar em risco de não poder usar a voz, um dos instrumentos fundamentais da sua profissão. Neste contexto, os professores compõem um grupo de risco para problemas vocais, pois ocorrem alterações com grande frequência nesta categoria e estão relacionadas a diversos fatores ocupacionais (Araújo et al., 2008).

Na atividade laboral da docência, a voz é primordial no discurso. Além disso, é um meio de identificação de informação, seja ela cultural, linguística ou outra, fortalecendo ou não a aplicabilidade e a confiabilidade da comunicação. A voz do professor agrava com os fatores relacionados às precárias condições acústicas do ambiente de trabalho, à



constante exigência diante de determinado período de comunicação ademais do cansaço e do estresse (Guimarães, 2004).

Sentimentos como o “medo da perda da voz”, vivenciados pelas professoras causam grande impacto em suas vidas. Surgem interferências desagradáveis nas atividades diárias, no quesito emocional e percebem o problema como limitante diante das necessidades da profissão. Exteriorizam parte de seus sentimentos e demonstram a vulnerabilidade na qual se encontram no momento em que a “voz falha”, a “voz não sai”. O que fazer nestes momentos, se é preciso falar e se sentem impossibilitadas? Pensam na responsabilidade dentro de uma sala de aula com certa quantidade de alunos com os quais precisam se comunicar. Tanto a professora Simone quanto a professora Flávia relataram que já perderam a voz na sala de aula.

Tem horas que vou falar mais alto, **a voz falha**. Falha mesmo. Quantas vezes na sala eu fui falar com os meninos, ia falar uma palavra, a voz falhava, **a voz não saía**. (Simone, 51 anos).

Esse ano mesmo já aconteceu: Às onze horas da manhã, **a voz parou de vez** e eu só consegui voltar a falar às quatro horas da tarde. E **meu medo** é exatamente esse, **de faltar e não voltar**. (Flávia, 48 anos)

O medo é o emudecimento. À medida que os docentes pensam em uma imprevisível perda de voz, podem surgir algumas reações como irritação, falta de autonomia, medo, dependência, ansiedade, tristeza e incapacidade. Estas reações acontecem por se sentirem fragilizados e incapazes diante do trabalho, sem saberem uma maneira de preservação da voz e até mesmo por pensar em se tornarem dependentes de outras pessoas no ato da comunicação (PARK & BEHLAU, 2009). A angústia e a tristeza estão presentes na vida das professoras, ao vivenciar o sofrimento com o problema da voz. As preocupações e angústias são compartilhadas na intersubjetividade e representam parte do mundo social em que vivem (MINAYO, 2014). Ricarte, Bommarito e Chiari (2011) afirmam que os professores sentem as queixas vocais como uma limitação no exercício da função de docente.

QUEIXAS PSÍQUICAS DAS PROFESSORAS

Em 2010 **eu adoeci, o sistema nervoso se comprometeu**. Comecei a ficar muito **estressada**, nervosa. **O corpo doía**. [...] Até hoje estou lutando com isso. [...] Fiquei com aquela **coisa acumulada**, aquela **angústia**. Eu tinha que chorar no final do dia, porque **estava tudo preso**, passava o dia todo naquela escola. Alunos agitados. [...] Era aquela comida empurrada e angustiada. (Amália, 45 anos)



Naquele período (seis anos) naquela escola, eu senti muita tristeza, angústia, aquela vontade de nem ir na escola; **desânimo**, eu senti muito. [...] E o **stress também, atingiu a saúde, o emocional**. Cheguei a comprar remédio, calmante para ansiedade, estava tomando para aguentar. Esse ano, pedi para me mudar de escola. (Flávia, 48 anos)

As professoras vivenciam seus dias de trabalho com muitos sentimentos incomodativos. Sofrem, pois, diariamente deparam com situações estressantes, principalmente relacionadas aos comportamentos dos alunos na sala de aula. E têm que suportar. Apresentam diversas queixas pelas quais experimentam o sofrimento psíquico. Expressam significantes, entre estes a “angústia”, a qual se faz presente até no momento do almoço de Amália, como “aquela comida empurrada e angustiada”. A vida diária da professora é caracterizada como “coisa acumulada”, “tudo preso”. Ela não podia expressar sua angústia no horário do trabalho, pois não havia tempo suficiente nem alguém com quem pudesse conversar e confiar. Aguardava o final do dia, momento em que passava na casa de uma amiga, conversava e chorava. Aquilo que “estava preso” e “acumulado” precisava ser colocado para fora por meio das conversas e choros. Ela precisava e queria trabalhar para ajudar a família e, ao mesmo tempo, não estava suportando lecionar nos dois turnos “com classes de alunos indisciplinados”. Neste cenário, sem uma solução, a angústia ou aflição do trabalho faz parte de sua vida diária. Sentidos que resultam de “um conflito intrapsíquico, isto é, de uma contradição entre dois impulsos inconciliáveis. É uma produção individual, cujas características só podem ser esclarecidas pela referência contínua à história individual” (Dejours, 1992, p. 63).

Para as professoras, as queixas referentes à emoção, como angústia, tristeza, “tudo preso” são também causadoras de alguns incômodos físicos, como a dor corporal, por exemplo. A dor é uma reação física voltada ao sofrimento do organismo. Pode ser resultante de uma sobrecarga física ou da somatização do sofrimento psíquico (Dallepiane & Bigolin, 2004). No caso de Amália, a dor no corpo é resultante do stress, da angústia e do nervoso. Tudo fica acumulado em sua vida, seu corpo e sua alma, sua emoção. As professoras interpretam e reinterpretam suas experiências vivenciadas no cotidiano como um círculo hermenêutico (Minayo, 2014). Esta dor no corpo não é proveniente de fatores como o esforço repetitivo, discutido antes. Sente em consequência do sofrimento psíquico, como apresenta na fala de Amália “*Quanto mais eu ficava nervosa mais doía do lado esquerdo (do corpo) todo*” (Amália, professora). As professoras não se sentem satisfeitas no ambiente de trabalho. A insatisfação é uma carga de trabalho psíquica. Possui efeitos no registro mental e podem ocasionar desordens no corpo (Dejours, 1992).

O stress está constantemente presente na vida dessas docentes como consequência da interferência de fatores prejudiciais na escola, como o comportamento dos alunos, agressivos. “*Era muito estresse e cada ano aumentava. Cada ano piorava. Seis anos assim*” (Flávia, professora). O stress consiste “em uma experiência pessoal, muito desagradável, associada a sentimentos de hostilidade, ansiedade, tensão e frustração desencadeados por estressores no ambiente de trabalho” (Sobrinho, 2012, p. 82). Alguns sintomas como excesso de cansaço e irritabilidade, ansiedade contínua, tensão muscular e distúrbios de memória em excesso, sem um motivo específico, estão relacionados à vivência de professores com o stress. Isto pode ocorrer devido à falta de expectativas de mudanças positivas no contexto de trabalho (Goulart Júnior & Lipp, 2008).



Saber o que é capaz de gerar tensão e stress é uma das maneiras de buscar a prevenção. No caso do stress profissional, as mudanças realizadas em relação ao ambiente, às condições e ao tempo de trabalho pode favorecer a superação do problema (Lipp, 2012). Amália assumiu dois turnos de trabalho com turmas de alunos de ensino fundamental I, apenas por um ano (2010) e, logo que percebeu o adoecimento, mesmo diante da necessidade de ganhar mais, decidiu continuar sua atividade docente apenas com uma turma. Mesmo assim, os sintomas continuam a fazer parte de sua vida. Flávia, por sua vez, solicitou transferência de escola, visto que onde atuava estava sendo ambiente gerador de stress. Neste sentido, o meio ambiente e a organização do trabalho possuem uma representação de hostilidade causadora de desequilíbrio e doenças. O adoecimento expressa, além de particularidades biológicas, também sociais e ambientais vivenciadas de maneira subjetiva pelo indivíduo. Há uma maneira como cada um experiencia esse fenômeno, com seus sentidos e significados (Minayo, 2014).

AS INTERFERÊNCIAS DOS PROBLEMAS DE SAÚDE NA VIDA PESSOAL E SOCIAL DAS PROFESSORAS.

Hoje eu me sinto péssima. Minha voz praticamente não sai direito. [...] E até para falar em casa, procuro evitar. No dia a dia, me atrapalha. Às vezes, saio junto com alguém, com as irmãs para bater papo, dar risada, quando é de noite, a voz já está cansada. [...] Em casa não falo muito. Às vezes, aponto assim (sinaliza o pescoço, segurando-o): - Me deixa quieta, não fala nada comigo (fala direcionada aos filhos em sua casa). (Simone, 51 anos)

A interferência do problema da voz ocorre na rotina diária, em atividades de lazer e convívio familiar e social. Na relação familiar, atinge principalmente os filhos. Ocorrem situações desagradáveis, pois a comunicação fica limitada e nem sempre há um entendimento por parte daqueles com quem a pessoa convive. Como exemplo, quando um filho da professora a chama e pede sua atenção, ela geralmente evita responder devido a falha na voz, gerando uma insatisfação no convívio familiar pela falta de diálogo. [...] *E eles dizem: - Por que a senhora não respondeu que estava aqui, mainha? Eu digo: - Ô meu filho, eu nem posso falar alto*". Diante deste relato, Simone demonstra um semblante de tristeza e afirma que o problema na voz a compromete muito no dia a dia, principalmente na relação com sua família. Assim como a disfonia, outros problemas de saúde decorrentes das atividades do trabalho docente também interferem na vida diária das professoras.

[...] Eu tinha dificuldade de fazer uma comida, de cortar uma verdura com a mão toda entrevada. [...] A dor no ombro para fazer o serviço da casa, a dor no braço. E a voz? (semblante emocionado). [...] Chegava em casa, **estava tão desgastada, que nem queria sair para evitar conversar.** [...] **Tinha que calar, estava sentindo mesmo, a dor.** (Marta, 52 anos)



Eu faço pilates. Mas exercício assim (sinaliza o braço para cima e para trás), eu já sei que vai dar dor. E gosto de nadar também. Só que **eu não posso nadar como eu nadava antes**, eu sei que vai doer. [...] Quando eu vou estender roupa, hoje, eu subo num banco, ponho a roupa no ombro e vou colocando porque se eu esticar os braços, no final estou acabada, doendo demais. (Paula, 47 anos)

As professoras, ao narrarem suas experiências de adoecimento, as representam através da dor e o comprometimento de membros superiores e da voz. Elas se veem em uma nova realidade na qual passam a experienciar sensações desagradáveis resultantes da dor e de limites impostos perante a incapacidade física. As mudanças apresentadas no sujeito com dor geram um estranhamento da família e dos amigos. O isolamento e a dificuldade em lidar com os acontecimentos da vida estão presentes no cotidiano de uma pessoa com dor crônica (Lima & Trad, 2007).

É uma experiência individual que faz parte da associação corpo-mente que está sempre presente como um dano, que mesmo sendo invisível é percebido pelo sujeito que a sente (Lima & Trad, 2008). De tal modo, os problemas de saúde decorrentes da profissão determinam limitações nas atividades cotidianas e provocam mudanças nas vivências diárias destas profissionais. A existência destas limitações ocasiona alterações na qualidade de vida afetando sentimentos, interferências no relacionamento pessoal e isolamento social.

É possível perceber que estas professoras possuem sentimentos que as colocam em desvantagem em relação a outras pessoas do seu meio social. Sabem que não estão saudáveis para corresponder às exigências do cotidiano. *“Eu fico triste porque influencia no relacionamento com meu marido. Vejo isso como um prejuízo”* (Amália, professora, 45 anos). O problema de saúde significa “prejuízo” na vida da professora, pois interfere na dimensão pessoal. O adoecimento é vivenciado no cotidiano e situa-se em diferentes contextos de interação social, com impactos negativos nos projetos de vida, o que exige empreendimento de esforços na busca por equilibrar a condição crônica na interação do contexto pessoal e social (Castellanos, 2015).

Vejo esse problema **com tristeza**. [...] E outra coisa, dá tristeza se você ficar assim, porque **a gente não pode deixar aquilo dominar a gente**, porque senão dá depressão. (Marta, 52 anos)

Eu fico de certa forma, triste, porque **limita a gente**. [...] Então, assim, restringiu porque em diversos aspectos, não só na vida profissional como pessoal, eu não posso fazer nada mais que machuca. (Paula, 47 anos)

As professoras exteriorizam sentimentos de fragilidade e aflição com as limitações. Sentem tristeza e angústia permanentemente. Mas, também é revelado o desejo de distanciamento dos problemas, ao expressar a dor como uma coisa externa.

Mas, ansiedade, medo e angústia, sofrimentos psíquicos que surgem no indivíduo internamente, motivados quase sempre por influências externas estão presentes no contexto do trabalho. De acordo com as angústias vivenciadas, a experiência do



adoecimento envolve uma explicação baseada no senso comum, na maneira como cada indivíduo lida com determinada aflição e com os problemas do cotidiano relacionados ao processo de adoecimento (Kleinman, 1998).

Diante da experiência com os problemas de saúde que afetam suas rotinas, as professoras os interpretaram com novos sentidos. Também, conscientes que continuarão a conviver com esta experiência desagradável e têm que lidar com distúrbios que se tornam crônicos e ocasionam limitações em suas vidas. Esta experiência traz sentidos que formam uma rede de metáforas resultantes dos diversos campos da experiência (Ricoeur, 1976, p. 76). Deste modo, o processo de adoecimento, pode ter uma significação relacionada ao prejuízo físico e psíquico, limitação e impossibilidade e/ou desânimo de continuar suas atividades cotidianas.

CONCLUSÃO

O adoecimento é vivenciado enquanto um evento que perpassa as diversas dimensões da vida das professoras. Os problemas de saúde que as atingem são de ordem física, como os distúrbios musculoesqueléticos e a disfonia da voz e, bem como, psíquicos: stress, ansiedade e angústia. Elas sentem dificuldades em conviver com estes problemas os quais estão associados às condições de trabalho.

Os resultados deste estudo mostram a construção intersubjetiva do adoecimento como significados da experiência deste contexto conforme as expressões: limitação, incapacidade, tristeza, prejuízo e desejo de distanciamento destes problemas em suas vidas. O adoecimento traz impactos não só relacionados ao desempenho de suas atividades no âmbito da docência, mas também nos aspectos pessoal, familiar e social. Com determinados limites, elas buscam adaptações diárias a fim de conseguir a continuidade de sua rotina.

As narrativas sobre o adoecimento tornam-se parte da vida das professoras dentro de um contexto profissional, pessoal e social. A limitação é um componente vivenciado, o que as deixam sem perspectiva de soluções para o sofrimento na sua profissão. O corpo limitado exige a criação de estratégias como maneiras de superação momentânea. A permanência dos problemas causa impactos na própria personalidade, nas atividades laborais e relações sociais. O reconhecimento dos problemas de saúde impostos pelo trabalho docente é capaz de gerar sensação de vulnerabilidade e fraqueza, o que traz o desafio da relação do corpo diante das necessidades de ordem pessoal ou social.

O estudo mostra a importância de ampliar discussões entre gestores públicos, principalmente da área educacional, sobre essa temática e ouvir os professores. As experiências com o adoecimento das professoras deve ser motivo para pensarem estratégias de ações que possam favorecer a prevenção de agravos e a promoção da saúde dos docentes bem como a valorização social destes profissionais.



REFERÊNCIAS

- ALVES, P. C. (1994). O discurso sobre a enfermidade mental. In P. C. ALVES & M. C. S. MINAYO (Eds.), *Saúde e doença: um olhar antropológico* (pp. 91-100). Rio de Janeiro: Fundação Osvaldo Cruz - FIOCRUZ.
- ALVES, P. C. (2015). Itinerário Terapêutico e os Nexus de Significados da Doença. *Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho*, 1(42), 29-43.
- ARAÚJO, T. M. de, REIS, E. J. F. B. dos, CARVALHO, F. M., PORTO, L. A., REIS, I. C., & ANDRADE, J. M. (2008). Fatores associados a alterações vocais em professores. *Caderno de Saúde Pública*, 24(6), 1229-1238. DOI: 10.1590/S0102-311X2008000600004.
- ASSUNÇÃO, A. A., & OLIVEIRA, D. A. (2009). Intensificação do trabalho e saúde dos professores. *Revista Educação & Sociedade*, 30(107), 349-372. DOI: 10.1590/S0101-73302009000200003.
- BRASIL. Ministério da Saúde do Brasil. (2001). *Doenças relacionadas ao trabalho. Manual de procedimentos para os serviços de saúde*. Brasília. Retirado de: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_relacionadas_trabalho1.pdf.
- CASTELLANOS, M. E. P. (2015). Cronicidade: Questões e conceitos formulados pelos Estudos Qualitativos de Ciências Sociais em Saúde. In M. E. P. CASTELLANOS, L. A. B. TRAD, M. S. B. JORGE & I. M. T. de ARRUDA LEITÃO (Eds.), *Cronicidade: Experiência de adoecimento e cuidado sob a ótica das Ciências Sociais* (pp. 35-60). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará - UECE.
- DALLEPIANE, S., & BIGOLIN, S. E. (2004). A presença de dor no cotidiano de professores da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. *Contexto & Saúde*, 3(7), 231-239. Retirado de: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/1344/1111>.
- DEJOURS, C. (1992). *A Loucura do Trabalho: Estudo de psicopatologia do trabalho*. 5ª edição. São Paulo: Cortez.
- FERREIRA, J. (1994). O corpo sígnico. In P. C. ALVES & M. C. S. MINAYO (Eds.), *Saúde e Doença: Um Olhar Antropológico* (pp. 101-112). Rio de Janeiro: Fundação Osvaldo Cruz – FIOCRUZ.
- FREITAS, M. C. S. (2003). *Agonia da fome*. Rio de Janeiro: Fundação Osvaldo Cruz / Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- FREITAS, C. E. S. de. (2013). *Trabalho Docente e Saúde: Efeito do Modelo Neoliberal*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.
- GIL, J. M. S. (2001). É possível aprender da experiência? In C. LINHARES (Ed.), *Os Professores e a Reivenção da Escola: Brasil e Espanha* (pp. 81-113). São Paulo: Cortez.
- GONÇALVES, B. G., & OLIVEIRA, D. A. (2016). Saúde vocal e condições de trabalho na percepção dos docentes de Educação Básica. *Revista Educação e Contemporaneidade*, 25(46), 89-104. Retirado de: http://www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/05/FAEEBA_n46.



- GOULART JUNIOR, E., & LIPP, M. E.N. (2008). Estresse entre professoras do ensino fundamental de escolas públicas estaduais. *Revista Psicologia em Estudo*, 13(4), 847-857. DOI: 10.1590/S1413-73722008000400023.
- GUIMARÃES, I. (2004). Os problemas de voz nos professores: prevalência, causas, efeitos e formas de prevenção. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 22(2), 33-41. Retirado de: https://www.researchgate.net/journal/0870-9025_Revista_Portuguesa_de_Saude_Publica.
- IASP – INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR STUDY OF PAIN. (1994). *Classification of Chronic Pain: descriptions of chronic pain syndromes and definitions of pain terms*. Retirado de: <https://www.iasp-pain.org/PublicationsNews/Content.aspx?ItemNumber=1673>.
- KLEINMAN, A. (1998). Experience and Its Moral Modes: Culture, Human Conditions, and Disorder. The Tanner Lectures on Human Values. April, 13-16. *Stanford University*. Retirado de: https://tannerlectures.utah.edu/_documents/a-to-z/k/Kleinman99.pdf.
- LIMA, M. A. G., & TRAD, L. A. B. (2007). A dor crônica sob o olhar médico: modelo biomédico e prática clínica. *Caderno de Saúde Pública*, 23(11), 2672-2680. Retirado de: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/1471>.
- LIMA, M. A. G., & TRAD, L. A. B. (2008). Dor crônica: objeto insubordinado. *Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 15(1), 117-133. DOI: 10.1590/S0104-59702008000100007.
- LIPP, M. E. N. (2012). *O stress do Professor*. 7ª edição. Campinas, SP: Papyrus.
- MANGO, M. S. M., CARILHO, M. K., DRABOVSKI, B., JOUCOSKI, E., GARCIA, M .C., & GOMES, A. R. S. (2012). Análise dos sintomas osteomusculares de professores do ensino fundamental em Matinhos (PR). *Revista Fisioterapia em Movimento*, 25(4), 785-794. Doi: 10.1590/S0103-51502012000400011.
- MINAYO, M. C. S. (2000). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. (16ª edição). Petrópolis, RJ: Vozes.
- MINAYO, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14ª edição. São Paulo: HUCITEC.
- NEVES, R. F., & NUNES, M. O. (2009). Incapacidade, cotidiano e subjetividade: a narrativa de trabalhadores com LER/DORT. *Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 13(30), 55-66. DOI: 10.1590/S1414-32832009000300006.
- PALMEIRA, A. T., MENEZES, P. F. A., CASTELLANOS, M. E. P., IRIART, J. A. B., LIMA, M. A. G. de., & BARROS, N. F. de. (2015). Narrativa sobre dor crônica: da construção do adoecimento à organização da vida com dor. In M. E. P. CASTELLANOS, L. A. B. TRAD, M. S. B. JORGE & I. M. T. de ARRUDA LEITÃO (Eds.), *Cronicidade: Experiência de adoecimento e cuidado sob a ótica das Ciências Sociais* (pp. 300-336) Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará.

- PARK, K., & BEHLAU, M. (2009). Perda de voz em professores e não professores. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia* 14(4), 463-469. DOI: 10.1590/S1516-80342009000400006.
- PIMENTA, C. A. M., & PORTNOI, A. G. (1999). Dor e Cultura. In M. M. CARVALHO (Ed.), *Dor: Um Estudo Multidisciplinar* (pp. 159-173). São Paulo: Summus.
- PORTO L. A., REIS I. C., ANDRADE J. M., NASCIMENTO, C. R., & CARVALHO, F. M. (2004). Doenças ocupacionais em professores atendidos pelo Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador (CESAT). *Revista Baiana de Saúde Pública*, 28(1), 33-49.
- RABELO, M. C. M., ALVES, P. C. B., & SOUZA, I. M. A. (1999). Signos, Significados e Práticas Relativos à Doença Mental. In M. C. M. RABELO, P. C. B. ALVES & I. M. A. SOUZA, *Experiência de doença e narrativa* (pp. 43-74). Rio de Janeiro: FIOCRUZ.
- REIS, E. J. F. B. DOS., CARVALHO, F. M., ARAÚJO, T. M. DE., PORTO, L. A., & SILVANY NETO, A. M. (2005). Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, 21(5), 1480-1490. DOI: 10.1590/S0102-311X2005000500021.
- REIS, E. J. F. B. dos., ARAÚJO, T. M. de., CARVALHO, F. M., BARBALHO, L., & SILVA, M. O. (2006). Docência e Exaustão Emocional. *Revista Educação e Sociedade*, 27(94), 229-253. DOI: 10.1590/S0101-73302006000100011.
- RICARTE, A., BOMMARITO, S., & CHIARI, B. (2011). Impacto vocal de professores. *Revista CEFAC - Speech, Language, Hearing Sciences and Education Journal*, 13(4), 719- 727. DOI: 10.1590/S1516-18462011005000014.
- RICOUER, P. (1976). *Teoria da Interpretação. O discurso e o Excesso de Significação*. (1ª edição). Lisboa: Edições 70.
- SCHUTZ, A. (2012). *Sobre Fenomenologia e Relações Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- SILVA, G. T., CUNHA, C. R. T., COSTA, A. L. R. C. DA., & MARUYAMA, S. A. T. (2013). Experiência de adoecimento e licença médica: O caso de uma técnica de enfermagem. *Revista Mineira de Enfermagem*, 17(1), 207- 215. Doi: 10.5935/1415-2762.20130017.
- SOBRINHO, F. P. N. (2012). O Stress do Professor no Ensino Fundamental: o Enfoque da Ergonomia. In M. N. LIPP (Ed.), *O Stress do Professor* (pp. 81-94). Campinas, SP: Papirus.

*

Received: May 27, 2018

Accepted: June 18, 2018

Final version received: June 18, 2018

Published online: June 30, 2018

